

# PENSAMENTO, SENTIMENTO E VIBRAÇÃO

Por: Ery Lopes

*“Orem e vigiem, para não caírem em tentação”.*

Jesus (Mateus, 26:41)

Criado simples e ignorante – ou seja, puro e sem conhecimento –, o “bebê Espírito”, além dos cuidados de outras entidades mais adiantadas, inicialmente se guia por uma força instintiva, sendo esse instinto uma espécie de inteligência automática pré-programada. Todas as ações são voltadas para a sobrevivência básica (alimentação, segurança, preservação da espécie, etc.). Na medida em que se desenvolve, o indivíduo cresce em inteligência e começa a dirigir a potência do **pensamento**.

Pela capacidade de pensar, o sujeito não elimina o instinto (que muitas vezes se expressa positivamente), mas passa a optar e fazer escolhas, mediante um raciocínio lógico. Preciso dizer ainda que, conforme o grau desenvolvido da sua inteligência, cresce também a responsabilidade pelas suas ações, observando aqui uma diferença entre a lei humana e a lei natural de Deus: no tribunal dos homens, a aplicação do código legal é (ou era para ser) igual a todos, independentemente do grau de instrução; o fato de desconhecer a legislação não isenta ou atenua a pena. Pela lei de causa e efeito da natureza divina, aquele que sabe mais é mais responsável, conforme Jesus: “Muito será cobrado daquele que muito recebeu” (Lucas, 12:48) – isenção que não se aplica àquele que teve meios de obter o conhecimento e ignorou as oportunidades.

O desenvolvimento da inteligência estabelece mais responsabilidades, porém proporciona mais capacidades, com as quais – e só assim – tocamos a felicidade.

Pensamos e somos senhores do nosso pensamento; escolhemos o rumo do nosso pensar imediatamente ao ato. Vez ou outra, por sugestão do nosso subconsciente, por inspiração espiritual ou por influência de encarnados, algumas ideias estranhas nos vêm à mente e sentimos que elas não vieram de nossa vontade própria (pois podem parecer bem contraditórias frente à nossa índole). Daí surge a indagação:

— Somos culpados pelas ideias maldosas que surgem a nós? Ou seja; há erro já no ato de pensar?

Dizem os Espíritos que erramos pelo pensamento quando damos vazão a eles e alimentamos as más ideias. Mas ao contrário, quando cortamos o mau pensamento e resistimos à tentação de executar o plano pervertido, ganhamos mérito da boa resistência – sempre bem visto aos olhos da Divindade e dos mentores espirituais.

Se é possível dar rumo ao nosso pensamento imediatamente à formação das ideias, o mesmo não se aplica ao **sentimento**. Neste, nós não domamos de pronto, pois se trata de uma série acumulada de concepções que juntamos ao longo de dias, anos e, até mesmo, de encarnações.

Não dá para impor algo do tipo “Eu quero gostar de fulano”, “eu quero me sentir feliz”, “Eu não desejo passar mal como toda vez acontece quando vou naquele lugar”. As emoções se impõem hoje em decorrência daquilo que as alimentou no passado. Quando se cria pensamentos negativos acerca dos inconvenientes da chuva, o resultado trivial é que toda vez que chover, o sujeito estará propenso a não se sentir bem.

Para livrar-se de um sentimento negativo é preciso estabelecer uma série de hábitos positivos, através da força de continuados pensamentos. Ponderar, por exemplo, que o recurso pluvial é imprescindível para nossa vida humana, para irrigar a terra, que de vez em quando até um banho de chuva pode até ser divertido, que essa água faz brotar o pão, a flor, etc. Pensar positivamente assim, seguidamente, e pelo tempo que for preciso, certamente configura um sentimento de tranquilidade para quando chover, e mesmo de gratidão a Deus pela chuva.

Quando eu penso, eu acumulo formas mentais – ideias materializadas – e assim eu dou vida a sentimentos e emoções. Somemos a essas duas potências – Pensamento e Sentimento – mais uma: a Vibração.

Nem é preciso dizer que o ato de pensar é vibrar, ou seja, exteriorizar e irradiar ao próprio redor aquilo que é do nosso íntimo. Porém, o que muitos não observam é que o sentimento também vibra. Portanto, temos aqui duas forças distintas: quando eu penso, eu jogo meus desejos no Universo voluntariamente (pois sou senhor do meu pensamento); de igual maneira, tudo que eu estiver sentindo também despejará no meu entorno vibrações da mesma ordem, agora, entretanto, sem que eu tenha controle da qualidade dessa irradiação.

Assim como os órgãos físicos não param enquanto dormimos, nossos sentimentos pulsam e vibram e criam formas mentais – positivas ou negativas – ininterruptamente, sem que possamos direcioná-las. São descargas automáticas acumuladas pelos pensamentos que temos emitido desde há muito.

Quando alguém fixa certas ideias, pode tornar-se vítima dessa obsessão que ele mesmo criou. É quando alimentamos uma paixão amorosa desenfreada, um fanatismo por uma religião, partido político ou por um time de futebol, etc. Essa fixação ronda-lhe a mente tal como um disco tocando na mesma faixa por todo o tempo, martelando sua consciência, sem que ele encontre o botão para desligar esse som. Nestas condições, o inconsciente jorra vibrações que o pensamento nem se dá conta.

Quando os sentimentos não são domados, a pessoa torna-se escrava do automatismo: come, bebe e dorme, vivendo para simplesmente sobreviver. Os fluidos que lhe circundam são de natureza qualquer sobre a qual ele não exerce poder, pois sua força de vontade está subjugada pela vibração burocrática.

Vigiar o pensamento: eis uma norma sadia!

Exercitar e preencher a mente de coisas salutares: que sabedoria!

Orar: que sublime exercício!

Quando eu cuido dos meus pensamentos, eu formato meus sentimentos e crio uma usina de emoções e vibrações poderosíssimas, que atrairão para mim pensamentos e sentimentos semelhantes. Percorro o mundo das ideias superiores e me conecto com as mentes mais evoluídas – sempre prontas a auxiliar os que sinceramente almejam a ascensão.

“Orem e vigiem os pensamentos, para não caírem em tentação”, disse-nos Jesus.

Desta forma, somemos nossas vibrações com o Plano Espiritual Superior para a nossa renovação e a renovação do nosso mundo.